



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

DE SANTA
RITA

“Pechincha”, “Pechinchinha” Mascotte e Tição

Por AUGUSTO DE SANTA RITA

«**P**ECHINCHA» e «Pechinchinha» eram as alcunhas de duas pequenitas vizinhas que moravam em casas fronteiras.

«Pechincha» era filha de gente pobre, vivia numa água furtada e era possuidora dum gato preto, um bichano ordinário mas que ela estimava como se fosse um tareco de luxo, um gato do boa raça.

«Pechinchinha» filha de gente rica, morava em frente, num pa-



lácio, e era possuidora dum lindo «Angora» branco e felpudo como um novelo de lã cardada ou peliça de arminho. Era lindo. Um gato modelar.

«Pechinchinha», extremamente vaidosa, gostava de o exibir à janela, para que toda a gente o admirasse e invejasse a dona.

Um dia, deparando «Pechincha», ao seu postigo humilde, a afagar o seu «Tição», o seu preto bichano, «Pechinchinha», erguendo o seu «angora» Mascotte — (assim se chamava êle) exclamou, soberba, com mordaz ironia:

— «Não tens vergonha de mostrar êsse gato tão reles, estando o meu à janela? Vê a diferença que há entre o meu e o teu. O meu é branco como a alva caribraia do meu vestido novo e todo encaracolado como o casaco de arminho que me deu a mamã. O teu é negro como a noite; tem o pêlo escorrido e a cauda estreita como a dos macacos.»

— «Tudo isso será verdade, (exclamou Pechincha, do alto do seu postigo,) — mas não trocava o meu querido Tição pelo teu gato, embora seja de raça!»

No mesquinho desejo de a humilhar e despeitada pela nobre e espontânea confissão da vizinha pobre, Pechinchinha exclamou, então, com cruel ironia: — «O que tu querias, sei eu! Era que eu tu desse, pechinchona!»

— «Enganas-te! — (tornou Pechincha, afagando, cada vez mais o seu negro gatinho.) — Não há, para mim, gato mais lindo do que o meu! Os seus olhinhos



verdes são duas esmeraldas e o seu pêlo, negro e macio, é do mais caro veludo. Há lá, no mundo, gato mais liudo do que o meu!...»

Sugestionada já pelo seu entusiasmo, Pechinchinha, que não tinha pelo gato branco o mesmo amor, balbuciou, então, timidamente:

— «Se quizesse, trocava-o!»

— «Não! Por coisa alguma do mundo! tomou de novo, Pechincha, apertando-o de encontro ao coração e dando-lhe um longo beijo.

F I M

O malmequer de Milú

Por Julião Selvagem

Milú tinha no jardim
Um vistoso malmequer,
Muito branco — tam branquinho,
Que parecia de arminho! —
Entre rosas de carmim.

Mas, a Milú, nem, sequer,
Pensava no malmequer,
Quando, logo manhãzinha,
Colocava o avental,
Pegava no regadôr
E regava com amor,
As rosas no roseiral.

Certo dia um pardalinho,
Pequenino e brincalhão.
Que morava ali pertinho,
Abandonou o seu ninho
E, contente, foi poisar
Nos tijolos do canteiro
Exclamando ao malmequer:

— E's feliz. Tens o prazer
«De viver acompanhado
«De tanta graça e perfume!»

Mas — disse-lhe o malmequer;
«Para que seítes ciúme?
«Tu és livre como o vento;
«Cantas e vais onde queres,
«Como vai o pensamento!
«Eu vivo aqui apegado
«Sem ter essa liberdade
«E um dia sou arrancado,
«Porque mancho o colorido
«Do roseiral encarnado.
«Quem me dera, como tu,
«Viver livre! E que anciedade
«De fugir, sem ter sofrido
«As torturas da Milú».

Nisto, um gato, sorrateiro,
Foi muito devagarinho,
Fingindo não fazer mal
E caçou o pardalinho
Que poisara no canteiro,
Para vêr o roseiral.



Por TOUTINEGRA

A PARTIDA



LUIZ entrara para a escola com 7 anos. Ao fim do primeiro ano lectivo, já lia e escrevia, embora pouco, e já sabia as primeiras noções de aritmética.

Muito ancho do seu saber, de quando em quando, dirigia a Alice, sua irmã, mais nova do que êle dois anos, qualquer pergunta acerca da sua mais recente lição e, vendo que ela não respondia, ria-se, chamando-lhe pateta.

O pai já lhe quizera fazer ver que, com a idade de Alice, Luizinho também não sabia, mas não o convencera. Ela, então, sentindo-se humilhada, retorquia-lhe: — «E tu sabes fazer ponto de recorte?» E ia buscar roupinhas, pequenos «napperons», que, com o auxílio da mãe, fizera para a sua boneca, a Dináh, que os pais lhe haviam dado quando fizera 5 anos. Então o irmão tirava-lhe as costuras, com tanta dificuldade feitas, fazendo-a chorar; contudo a intervenção da boa mãe, restabelecia a harmonia, acabando por ficarem bons amigos como, lá bem no fundo, sempre eram.

Os progressos no estudo de Luiz, foram compensados pelos pais com a oferta de uma pequena e muito linda espingarda de pressão d'ar, que quasi o ia enlouquecendo de alegria. Como êle contava, anciosamente, os poucos dias que faltavam para irem para o campo, onde lhe seria permitido fazer uso da sua bela arma! E sorria, contente, à lembrança da admiração de Chico e Maria, filhos dos caseiros da quinta onde era edificada a casa que todos os anos, na época calmosa, iam habitar, quando vissem a sua espingardinha!... Haviam de querer dar tiros, mas êle só lha emprestaria um bocadinho; nada, que lha poderiam estragar!...

Em casa era grande a azáfama, emalando diversas coisas, cobrindo os móveis que ficavam; enfim, preparando tudo para a desejada partida. Alice e Luiz também já tinham arrumado, num grande caixote, tôdos os brinquedos que queriam levar, ficando só de fóra, Dináh, que Alice queria levar ao colo, como a uma filhinha querida e a espingarda, que Luiz não deixava um instante.

Chegou, finalmente, o dia da partida! Não sem fazerem zaragata, pois ambos queriam o único lugar que havia junto à janela do combóio que, finalmente, se pôs em marcha. Um gentil cavalheiro cedeu o lugar





CONSEQUÊNCIAS de um SOPAPO

VERSÃO DO FRANCEZ POR FRAN-
CISCO CARVALHO M. TABORDA

NO passeio duma rua, junto do qual acabava de parar um *omnibus*, questionavam dois garotos. No calor da discussão, o maior, ferrou no outro um tão sonoro sopapo que mais parecia o estalo dum chicote brandido com toda a força. Os cavalos assustando-se imprimiram ao pesado veículo um tão violento abalo que um enorme sujeito, que, no alto da estreita escada, estava prestes a atingir a imperial, largou o corrimão e caiu, assentando-se, pesadamente, sobre o chapéu alto dum outro indivíduo, alto e magro, que subia atrás dele. O péso do corpulento sujeito, arrastou o outro na queda com o chapéu enterrado até aos ombros. O condutor que, em baixo, debruçado sobre a borda da plataforma, recebia e verificava os bilhetes dos passageiros, amontoados e açodados para subirem em primeiro lugar, recebeu dos dois sujeitos que vinham pela escada abaixo aos rebolões, um tal impulso, que foi cair, de barriga, sobre o grupo de passageiros.

Nesta queda perigosa, o condutor parecia, uma enorme rá saltando num

mesmo, faltàram onze francos e cinquenta e cinco cêntimos que não foi possível encontrar, porque os indivíduos que tão solícitos se mostraram em apanhar o dinheiro, não o foram menos em se pôr a andar logo a seguir.

Quando as catorze pessoas que foram ao chão, em consequência da queda do condutor, do sujeito ventrudo e do indivíduo magro, se levantaram, viu-se que não havia, felizmente, nenhuma cabeça partida, nem perna alguma fracturada, mas apenas alguns «galos» e grandes nódoas de lama; uma pobre mulher que caíra em cima do seu saco, onde com outras compras havia meia dúzia de ovos, reclamou perdas e danos; mas estava, de tal maneira, pintalgada de amarelo, branco e pardo, que lhe responderam com estridentes gargalhadas e piadas mais ou menos espirituosas e que a fizeram dar uma sorte furiosa.

Mas não foi tudo. Os cavalos duma galera carregada de pesadas pipas, assustando-se com todo este alarido, recuaram, guinando para o meio da rua, o que fez girar bruscamente o longo veículo. As trazeiras varreram o passeio, deitando ao chão umas vin-

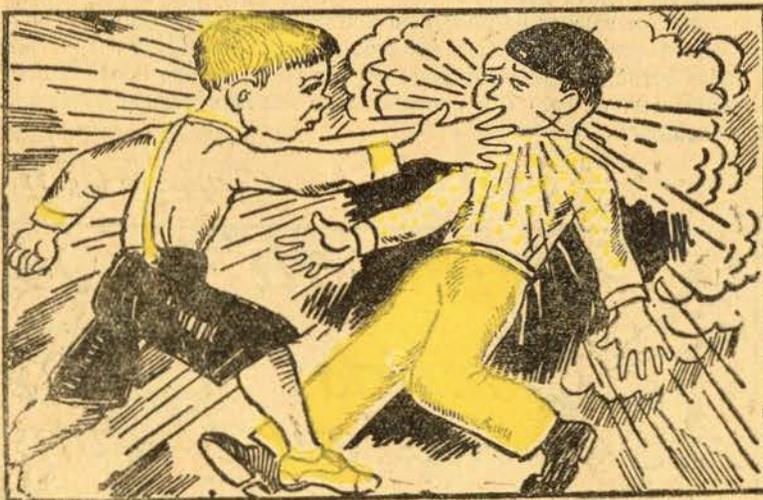
ços de loiça, feriu, num olho, o cavalo duma carroça que, enraivecido com a dor, partiu os arreios e agitou-se tão freneticamente que os seus furiosos coices atingiram um carrinho de mão, duma vendedeira de laranjas, as quais



voaram com o impulso e caíram em chuva inesperada sobre os transeúntes, com grande gáudio dos basbaques que na maioria as foram apanhando e comendo sem escrúpulos.

Outros, porém, gritavam, furiosamente, ao receberem tão imprevisíveis projecteis, o que aumentou a hilaridade das testemunhas desta complicada aventura. Um sujeito já velho que, casualmente, bocejava, apanhou com uma laranja na boca escancarada que lhe partiu quatro dentes e, o que foi mais grave, lhe fez engolir a dentadura; teria, por certo, morrido asfixiado se lhe não acudisse um farmacêutico da vizinhança.

Num café, cuja frontaria foi feita em frangalhos, um outro indivíduo engoliu o charuto, tal foi a sua comoção sob a chuva de estilhaços dum grande espelho. Felizmente o charuto estava quasi apagado. De resto, para maior segurança o criado apressou-se a fazer-lhe engolir uma chávena de café, para acabar de apagar o charuto. Para cúmulo da desgraça, um patusco aproveitou-se da confusão geral para partir o vidro dum posto de alarme de incêndio e, alguns minutos depois, chegava com o seu material, fazendo estremeecer tudo, um destacamento de bombeiros, cuja aparição duplicou as dificuldades da policia, impotente para restabelecer a calma.



charco. O dinheiro caiu-lhe todo da bolsa, com grande gáudio de vários garotos e mesmo de algumas pessoas que se apressaram a apanhar as moedas com o pretexto de ajudar o desgraçado condutor e recolher todo o dinheiro, do qual tinha que prestar contas. Ainda assim, feitas estas, ali

te e oito pessoas que ficaram gravemente contusas, e limpando por completo o mostruário dum negociante de porcelanas. Este último acidente fez projectar para todos os lados, com espantoso ruído, centenas de estilhaços que foram ferir outras pessoas e partiram muitos vidros. Um destes estilha-



Entretanto, desgrazadamente, as sacudidas violentas tinham deslocado os suportes das pipas alinhadas na galera, as quais começaram a rolar umas atrás das outras e caíram no passeio.

Uma partiu-se e torrentes de vinho inundaram a vizinhança. Outra rolou de encontro à multidão, esmagando uma pobre mulher e partindo as pernas a dois indivíduos. Felizmente um candieiro fê-la parar na sua carreira furbunda, mas, sôb a brutalidade do choque, a coluna de bronze abateu sôbre um cavalo que, tomando o freio nos dentes, penetrou como uma cunha na multidão espavorida.

Houve não se sabe quantos feridos, mas nem um só morto.

Uma outra pipa foi direita à loja da loiça, cujo mostruário havia sido destruído e, entrando pelo estabelecimento dentro, até ao fundo, fez estragos extraordinários, quebrando tudo quanto encontrou na sua passagem. O pobre comerciante gritava como um possesso e arrancava os cabelos com desespero, enquanto sua mulher desmaiava.

As últimas pipas causaram, felizmente, menos desastres, salvo uma delas que semeou a desordem entre 30 ou 40 carruagens, carroças e veículos de toda a espécie, que tinham parado na encruzilhada, onde se passavam êstes acontecimentos. Com efeito, das oito ruas que desembocavam nesta praça relativamente pequena, foram chegando sucessivamente veículos e, dentro de pouco tempo, a circulação ficou completamente interrompida. A desastrosa pipa, abalroando com um tiro de seis cavalos alinhados adiante de um carro carregado com três enormes pedras de cantaria, provocou uma tal perturbação que logo se estabeleceu uma confusão medonha.

Cavalos, carros de toda a espécie, cocheiros, fardos caídos no chão; ninguém se entendia naquele caos; cada qual gritava, puxava, gesticulava, quanto podia, ao passo que os feridos berravam com dores e os basbaques, cada

vez mais numerosos, aumentavam a desordem.

No grupo pitorescamente emaranhado de todos êstes carros, encontravam-se três grandes veículos, cheios de enormes porcos que eram transportados para o matadouro. Não se sabe como, as portas dêstes carros, abriram-se, e os porcos, alarmados com tão grande algazarra, fugiram em tôdas as direcções, soltando tão agudos berros que parecia sentirem já na garganta o cutelo fatal. Perseguidos de perto pelos seus condutores responsáveis, ainda mais aumentaram a confusão naquela balbúrdia enorme.

Nove porcos, com as pernas partidas e quasi reduzidos a pasta, pelas patas dos cavalos e pelas rodas dos carros, foram recolhidos por um carneiro da vizinhança, amigo do proprietário. Os outros foram apanhados a muito custo e novamente metidos

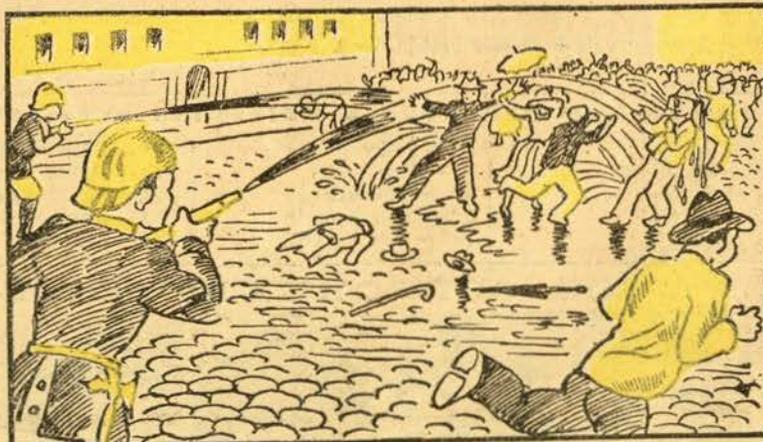
compensa a quem o achasse. Mas quem sabe!...

De repente, o comandante dos bombeiros teve uma idéa genial. Fez assentar a agulheta da bomba a vapor que estava ainda sob pressão, e um jacto de água irresistível caiu sôbre os basbaques os qua'is desataram a fugir sob êste duche improvisado.

Tornou-se, então, possível acudir aos feridos, desemaranhar os veículos e acalmar os cavalos.

Pouco a pouco foram-se afastando os carros que nada tinham sofrido, e a Polícia, já em número suficiente, tomou as embocaduras das ruas. Então, uma agitação de novo género succedeu à desordem geral que tanto tempo leva a contar e que, afinal, não durou mais de cinco minutos.

O resultado final foi: — sessenta e quatro autos, dezassete prisões, das quaes cinco foram mantidas, duas



nos carros que os conduziam ao seu destino. E ainda assim, apesar de todas as buscas que duraram muito tempo, um dos porcos não foi encontrado, e não se sabe o que foi feito dêle. E todavia não se pode admitir a hipótese de um gatuno o ter metido na algibeira. Foi prometida uma boa re-

mortes, em consequência dos ferimentos, noventa e oito feridos, dos quaes 33 gravemente, sem contar mais duma centena de curiosos com leves contusões que se trataram em suas casas ou nas farmácias vizinhas. E, final-

1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

XX Série

(Quarta das últimas 5 séries)

CHARADAS EM FRASE:

1.ª — Vi que no firmamento havia um edifício onde se aprende. 1—1.

Micles de Tricles

2.ª — Olhei para o sítio onde se malha o trigo e vi um homem. 1—2.

Nécas

3.ª — No leito da fêra fui deitar outro animal. 2—2.

Compadre Xabregas

4.ª — Aqui tem uma parte do segmento da esfêra. 1—2.

José Espanha

5.ª — Este cântico, vê em Hespanha uma terra portuguesa. 2—2.

Zécalculos.

6.ª — Aqui nesta bilha está um abafo. 1—2.

Mariús

7.ª — Contemplei o quadro que representava o animal. 1—2.

Ivo Farrusco

8.ª — Este idioma e esta nota estão no peixe. 2—1.

Gadá

CHARADAS AUMENTATIVAS:

9.ª — O quadrúpede tem uma nódoa de tinta. 2—2.

Pamplinas II

10.ª — Esta missiva é de papelão. 2—2.

D. Quichote

11.ª — Não mereces recompensa porque és selvagem. 2—2.

Galito

12.ª — A prega vale bem esta moeda. 2—2.

Bébé

13.ª — Este desenho é dum maroto. 3—3.

Santa Camarão

14.ª — Dei a bebida ao bacorinho. 2—2.

Armando Saturnino

CHARADAS SINCOPADAS:

15.ª — Esta doença é também uma mulher. 3—2.

Gina

16.ª — Põe neste jornal português uma estampilha. 3—2

Filinto Veloso Osório

CHARADAS ELECTRICAS:

17.ª — É sempre uma ave. 3.

Any-Lady

18.ª — Que belo perfume tem este fruto. 3.

Nicolina Sempre Fixe

19.ª — Esta é a côr mais portuguesa. 2.

El-Magrito.

20.ª — Era o máximo a que podia estar o animal doméstico. 2.

Pirotécnico

A solução destas charadas devem estar em nosso poder até ao dia 7 de Janeiro.

Por absoluta falta de espaço, só no final do Concurso publicaremos o nome dos concorrentes com direito ao sorteio e no número seguinte a respectiva classificação.

Alguns dos prémios estão ainda em nosso poder por insuficiência de morada.

TIO TONIO
Rua do Século, 43
L I S B O A

Solução das Charadas e Adivinhas publicadas no N.º 359 (XVII Série)

1.ª — Josefa	6.ª — Pedroso	11.ª — Bárbaro-barro	16.ª — Amor-roma
2.ª — Salvaterra	7.ª — Pala-palão	12.ª — Maleita-mata	17.ª — Satam-matas
3.ª — Macaca	8.ª — Ame-ema	13.ª — Batata-bata	18.ª — Aniz-zina
4.ª — Gaiola	9.ª — Augusto-auto	14.ª — Abraço-aço	19.ª — Erra-arre
5.ª — Fanca	10.ª — Abano-ano	15.ª — Azul-luza	20.ª — Aza

NOVOS CONCORRENTES CLASSIFICADOS



PITORRA
Delfina Florindo

EJA
Maria Irene P. Pe-
relra

BRABA
Alzira Flores Fer-
nandes

Millú da Rita

Maria Fernanda
Remechido

ANGELITA
Maria Angela G.
Martins de Almêida

CONSEQUENCIAS DE UM SOPAPO

(Continuação da pag. 5)

mente, dois cavalos foram abatidos, porque tinham as pernas partidas.

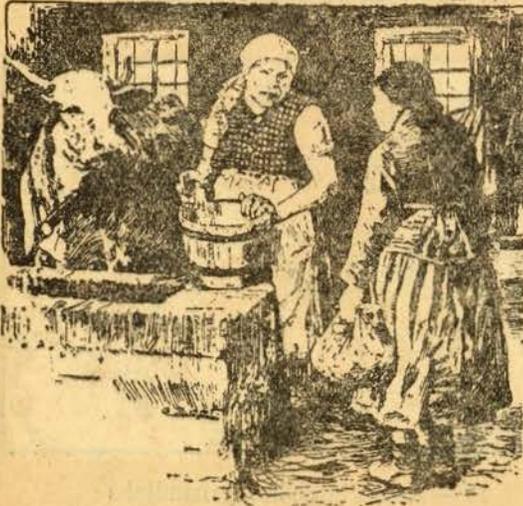
O dono do café e, sobretudo, o comerciante de loiça, foram os que mais sofreram materialmente.

O negociante de vinho, também teve uma importante perda. Dezassete pessoas queixaram-se à Polícia, de terem sido roubadas, durante os poucos minutos que durou a balbúrdia, por audaciosos gatunos, dos quais apenas um foi prêso.

E dizer que todas estas desgraças provieram dum simples sopapo trocado entre dois garotos que, escusado é dizê-lo, tinham desaparecido desde o começo da desordem!

FIM

ANEDOTA



A camponeza (para a nova criada): — Então como te chamas?

A criada: — Flora.

A camponeza: — Não pode ser, por causa das confusões. A vaca também se chama assim!



AS PRIMEIRAS FERIAS DE LUIZINHO

(Continuação da pag. 3)

— Ainda é longe a casa do Chico, exclamou; e, já cansado, sentou-se à sombra dum espesso silvado. Relanceou, então, um olhar em sua volta. Tudo estava como no ano anterior, só uma coisa lhe despertou a atenção: uma pequena macieira carregada de frutos vermelhos, lindos, que pareciam estar a dizer: Comei-me, comei-me... Aquela horta, recordava-se bem, pertencia ao velho Estevam e a macieira era, decerto, o primeiro ano que dava fruto, pois não se recordava de a haver visto assim.

Continua no próximo número

A D I V I N H A



Meus meninos: — Este macaco, este cabrito e este urso pressentiram dois caçadores e por tal motivo dão ás de Vila Diogo. Onde estão eles?

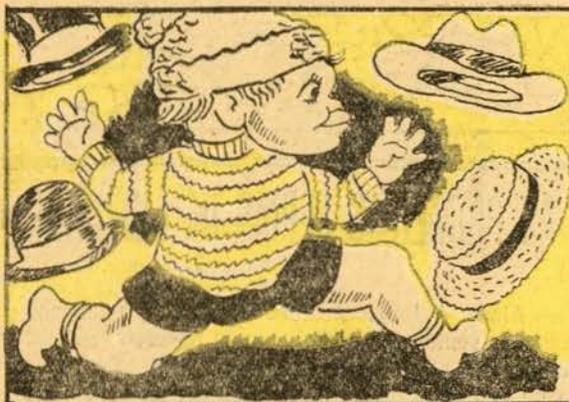
A RESOLUÇÃO DO PEDRITO



I — A ambição de D. Rosa, como brinde de Natal, era somente esta cousa: — ter um colar ideal, que a tornasse mais formosa.



II — E ao seu marido era grato que, do céu, o Deus-Menino lhe puzesse no sapato, um bom chapéu «borsalino» que não é nada barato.



III — Assim, como é natural, Pedrito, um loiro bebê, que é filho deste casal, chapéus de feltro só vê ante a ambição paternal.



IV — Assim, também, Fernandinha só pensava nos colares, o sonho da mamãzinha, via-os em volta, nos ares, desde manhã à noitinha



V — Pois nem a mãe nem o pai encontram, bem a seu grado, o que pretendem. Mas, ai, então, o Pedro estouvado resolver já tudo vai.



VI — Dois bôlos-reis, por um moço, mandou vir a toda a pressa, e, então, com grande alvoroço, ele pôe um na cabeça e ela pôe outro ao pescoço.